

Memórias e Sementes

READ

Jane Christina Pereira e Clara Carmoni
Organizadoras

Memórias e Sementes

1ª Edição



Alto Paraíso de Goiás
Centro UnB Cerrado - NASPA
Universidade de Brasília - UnB
2019

Projeto: Tertúlia Literatura Dialógica e produção de livros artesanais com mulheres extrativistas do cerrado.

Organizadora e Coordenadora do Projeto: Jane Christina Pereira (IFB)

Projeto Matriz: Cerrado, mulheres e agroecologia - práticas educativas inovadoras para a emancipação.

Chamada CNPq/MCTIC Nº 016/2016 - SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO ÂMBITO DA UNASUL.

Coordenadora (Projeto Matriz): Nina Paula Laranjeira (NASPA/Centro UnB Cerrado)

Organizadora e Prof^a./Bolsista (CNPq): Clara Carmoni Teixeira Alencar da Silva

Diagramador e Ilustrador: Othávio Canabarro

Fotografia: Clara Carmoni e Jane Christina Pereira

Colaborador do projeto: Geovane Cesar dos Santos Albuquerque

Orgão Financiador: CNPq

Arte de Capa: participantes do projeto.

M533 Memórias e sementes / Jane Christina Pereira, Clara Carmoni, organizadoras. – Alto Paraíso de Goiás : Centro UnB Cerrado ; Universidade de Brasília, 2019.
45 p. ; 15 cm.

ISBN 978-85-64593-76-3 (papel)
ISBN 978-85-64593-75-6 (e-book)

1. Comunidades agrícolas. 2. Identidade social. 3. Veadeiros, Chapada dos (GO) I. Pereira, Jane Christina (org.) II. Carmoni, Clara (org.)

CDU 301.185.2(817.4)





Não pode haver ausência de **BOCA** nas palavras
nenhum fique desamparado do
SER que a **REVELOU**

Manoel de Barros

O Lugar de Fala das/os Agricultoras/es:

Adelídio Ferreira de Almeida
Coraci Xavier de Matos
Cristina Sérgio de Oliveira Martins
Delzuite dos Santos
Edilson da Silva Cizilio
Eliana Pereira Salgado
Eliany C. Borges
Elis de Jesus Pereira
Felipe Junior Pereira da Silva
Jakeline Alves Abreu Araújo
João Pedro Alves Moreira Rodrigues
Júlio Cesar do Carmo Barbosa
Marcos Vinícius Fernandes da Silva
Maria da Conceição R. Mariano
Maria Dominga Batista
Maria José P. Magalhães
Maria Raimunda Rufina de Oliveira
Maria Rita da Silva
Maria Salete Matos dos Reis
Maria Xavier da Silva
Marilene Gonçalves dos Santos
Marilene Rodrigues da Silva
Maurozam F. Maia
Natánias Santana de Oliveira
Nayla Soares Gonçalves
Neuraci C. de Oliveira
Rute S. dos Santos
Valdivino Soares da Conceição
Vanuza Pereira da Silva
Wenseslau Almeida da Costa
Zulmerina Rosa dos Santos da Silva

PREÂMBULO

A sensibilidade, sutileza e grandeza da obra, apresentada aqui, traz diversas reflexões sobre nosso país, sobre os povos do campo e os rumos que tem tomado nossa nação. Seu caráter, ao mesmo tempo local e global, nos permite o mergulho nas questões que afligem o campo brasileiro.

Nestas páginas nos damos conta do fosso entre camponeses e sociedade globalizada e da injustiça que essa cultura global impõe a estes representantes das nossas raízes culturais. São mulheres e homens do campo, sua sabedoria, seus sonhos, suas vivências junto ao mundo natural, do qual todos somos parte, mas que a maioria de nós parece ter esquecido.

Nas memórias e sonhos compilados e expressos neste delicado trabalho, coordenado pela professora Jane, se sente a força da luta pela terra, o sonho em conquistar coisas tão simples e corriqueiras como água, energia elétrica, educação para os filhos e a família reunida. Enfim, desvela-se a luta camponesa para a inclusão e reconhecimento social.

É momento de trazer à luz a necessidade e importância do reconhecimento dos povos do campo, da cultura camponesa, das raízes populares desse Brasil, que pensa ter nascido globalizado e vira as costas para sua ancestralidade, rica de tradições e conhecimentos sequer sonhados pela Ciência.

Nesse sentido, o NASPA reforça sua vocação nata de trabalhar para fortalecer a cultura e os conhecimentos camponeses. Entendemos estar nos povos do campo

importante alternativa para o país, não só na conquista da Soberania Alimentar, como também para a criação de modelos de desenvolvimento próprios para essa Nação, que ainda tem como principais fortalezas regiões de natureza preservada e cultura camponesa capaz de produzir alimentos agroecológicos, ou seja, sem substâncias químicas e em harmonia com os ciclos naturais de cada Bioma.

O trabalho iniciado pelo NASPA com esse grupo de agricultoras e agricultores, há cerca de quatro anos, tem demonstrado o potencial do uso sustentável do Cerrado por essas comunidades e a produção de alimentos agroecológicos, consoantes com a necessidade de conservação da região da Chapada dos Veadeiros, santuário do Nordeste Goiano de grande importância para a Biodiversidade do Cerrado Brasileiro.

Nina Paula Laranjeira
(coordenadora do projeto matriz)

APRESENTAÇÃO

“... a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. [...] Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável.”

(Antonio Candido)

A arte é uma necessidade inerente a todo ser, por isso a sua democratização, por meio da aprendizagem dialógica, por exemplo, pode ser uma das bases dos direitos humanos. A aprendizagem dialógica é uma forma de conceber, de entender a aprendizagem como fenômeno humano, que só se realiza na relação entre sujeitos, mediados pelo diálogo. Nesse sentido, para Freire, a “dialogicidade não pode ser entendida como instrumento usado pelo educador, às vezes, em coerência com sua opção política. A dialogicidade é uma exigência da natureza humana e também um reclamo da opção democrática do educador”.

Sob tal perspectiva, com aquelas/es mulheres e homens agricultores, moradoras/es de assentamentos rurais (Colinas do Sul/GO), em situação socialmente vulnerável, mas cuja força exigida para sobrevivência tomava também seus corações e a vontade de ser mais, só poderíamos partir de algum lugar que fosse o de expressão de cada participante. Então, por meio da parceria com o Núcleo Transdisciplinar de Pesquisa em Alimentação Sustentável e Produção Agroecológica (NASPA), da UNB Cerrado, propusemos um projeto que previa o estímulo ao diálogo igualitário, a democratização das artes audiovisuais e a

produção de livros artesanais para o empoderamento dos participantes.

É importante ressaltar que esse trabalho foi realizado em seis encontros e foi apenas o primeiro de muitos outros, que compuseram o projeto matriz, realizado nesse ano de 2018: “Cerrado, mulheres e agroecologia: práticas educativas inovadoras para a emancipação”, aprovado pela Chamada CNPq/MCTIC nº16/2106, executado pelo NASPA/Centro UnB Cerrado, sob coordenação da Profª Nina Paula Laranjeira. O objetivo do projeto matriz foi estruturar um grupo de lideranças para a formação de uma cooperativa para a comercialização dos alimentos produzidos pelos extrativistas. Em princípio o projeto previa somente o trabalho com mulheres, mas os maridos, filhos e netos foram imediatamente incluídos, assim que elas reivindicaram.

Para conhecê-las/los, para delimitar os temas geradores, para elas/eles se conhecerem melhor e começarmos a vivência dialógica, que seria imprescindível para a experiência coletiva dali para frente, utilizei o instrumento pedagógico: Mapa da Vida. Trata-se de um exercício de identificação e socialização de três principais momentos, dentro das dimensões do passado, presente e futuro, na história de vida de cada um, por meio de pintura e/ou escrita.

Conforme memória do Mapa da Vida, primeiro texto deste livro, se desvelou um grupo com muitas pessoas com idade diversificada, desde adolescentes até idosos, havia não alfabetizadas/os, uma maioria com baixo nível de alfabetização, outras/os com formação do ensino fundamental incompleto e uma minoria com maior

escolaridade. Isso foi um ponto importante a ser considerado para se definir qual metodologia utilizaríamos nesse curso de extensão, com esses participantes em específico. A partir desse mapa, mudei o objeto de arte a ser trabalhado nas Tertúlias. Não daria mais para lermos literatura, como pensado anteriormente, então, o videoclipe de músicas, a fotografia e o filme, que a eles interessava muito, segundo depoimentos, foram os estímulos para o diálogo igualitário, na inter-relação entre vida e arte. Então, trabalharíamos com tertúlia dialógica audiovisual, seguida da produção de livros artesanais, contendo as memórias e as fotos dos encontros.

Com o Mapa da Vida ficou bem clara a necessidade delas/es em relação à estrutura básica nos assentamentos, no que se refere à água, à energia elétrica, à casa de alvenaria e também havia muita expectativa no que se referia ao curso como um todo. Foi muito emocionante os relatos delas/es, porque era uma mistura de animação com tensão, como se aquela memória escrita por mim fosse um documento que iria ser lido pelos dirigentes do Estado brasileiro. Era como se uma porta imensa e acolhedora despertasse mais uma vez a esperança de que a vida poderia melhorar.

Com a metodologia dialógica, na qual todas/os têm seu lugar de fala garantido e validado, elas/es poderiam exercitar esse direito para estendê-lo às suas vidas de lutas sociais e nós teríamos um direcionamento para a escolha dos temas geradores e dos recursos didáticos a serem utilizados. Foi Paulo Freire quem me ensinou como trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos, porque no IFB, nosso público, em grande parte, é esse. Antes da produção do mapa, conduzi um exercício de respiração com elas/es e foi muito estimulante ver a capacidade de entrega

ao novo e ao aqui e agora daquelas/es agricultoras e agricultores. E mesmo dentro de uma sala pequena demais para tanta gente e muito quente, diante de uma vida sem as estruturas básicas para se viver, eles apresentavam uma força, uma alegria, uma coragem, que foram cruciais para o desenvolvimento do projeto, e serão imprescindíveis para essa empreitada de formação da cooperativa. Fiz uma avaliação da atividade, informalmente, enquanto comíamos o lanche da tarde e dançávamos: eles afirmaram não terem ficado tão estimulados nos outros cursos, que tiveram pela vida, como começaram naquele. Nós tínhamos ali a confirmação de que a necessidade de encontro mais profundo consigo e com o outro é uma das chaves de emancipação. Naquele grupo se iniciava uma ampliação da visão de mundo por meio do convívio com seu corpo, sua emoção e com a intersubjetividades. No primeiro contato com elas/es entendi que nossos encontros teriam esse desenho: exercício de respiração para iniciar, trazendo o foco e a tranquilidade, e tertúlias dialógicas audiovisuais para estruturar o grupo dentro da visão dialógica de convivência bem como para estimular a experiência com a arte.

A tertúlia literária dialógica é uma metodologia consolidada, que nasceu no pós-guerra franquista, na Espanha dos anos 70 e cujos princípios são: diálogo igualitário, criação de sentido, igualdade de diferenças, inteligência cultural, dimensão instrumental, transformação, solidariedade. Trata-se de um círculo organizado para a leitura literária (outro tipos de textos também podem ser lidos), cujos encontros são regulares e as impressões são socializadas por meio do diálogo, em que o lido vai sendo inter-relacionado com o vivido. Tal diálogo é transformado em memórias, que são

compartilhadas ao final de cada encontro. O diálogo igualitário supõe que as falas e as proposições de cada participante sejam tomadas por seus argumentos com pretensão de validade e não pelas posições sociais que as/os falantes ocupam na sociedade (idade, profissão, sexo, classe social, grau de escolaridade etc). Enquanto uma pessoa aponta o trecho do texto, que mais lhe pareceu significativo, e o relaciona com sua vida, todas/os ouvem. Todas/os têm lugar de fala garantido e o critério para a ordem das falas é: fala quem não falou, enquanto todas/os ouvem.

Para vivenciarmos a tertúlia dialógica audiovisual foram utilizados estímulos artísticos sempre ligados à realidade das/os participantes e do Projeto Matriz, sendo todos escolhidos no decorrer das atividades, conforme a motivação e a expectativa do grupo a cada encontro. Os produtos audiovisuais utilizados foram: videoclipe da música “Tocando em Frente”, de Almir Sater; filme: Tapete Vermelho; videoclipes das músicas “Terra”, de Caetano Veloso, “Reis do Agronegócio”, de Chico César, “Cio da terra”, de Milton Nascimento e “Xote ecológico”, de Luiz Gonzaga; fotos de Sebastião Salgado; e o documentário sobre agrofloresta, “Neste chão tudo dá”, com participação de Ernst Göstch.

Com o diálogo a partir desses estímulos muito conteúdo emocional e técnico foi trabalhado. A conexão dos temas com suas vidas foi imprescindível para a participação e a solidariedade, que se desenvolveu durante os encontros. Isso tudo estruturou a confiança necessária para que socializassem ali suas dores e sonhos mais íntimos, rumo à transformação. Tais diálogos, com tudo o que trazem de dor e resiliência, medo e esperança, perdas e ganhos, solidão e

afeto, podem ser conferidos nas memórias dos encontros contidas neste livro.

Para fechar o projeto, as memórias do Mapa da Vida, das tertúlias e as fotos dos encontros foram compilados em livros artesanais, com capa e amarração toda feita por elas/es. Para a arte das capas, que compõem o mosaico da capa desta publicação, tinham à disposição caixas de leite e suco trazidas por elas/es, tintas, pincéis, barbante, furador e papel pardo. Aquele momento de fruição artística foi um dos mais aprazíveis para todas/os nós. Elas/es sanavam a necessidade da arte e do pertencimento, inerentes a todo ser humano e nós constatávamos, pelos sorrisos, pela leveza do ambiente, pelo olhar de confiança, pelo contentamento e beleza da criação bem como avaliação coletiva, o quanto o diálogo gera força colaborativa e o quanto a arte pode alcançar níveis tão profundos de expressão, capazes de trabalhar conteúdos inconscientes rumo a curas emocionais. É importante ressaltar que a educação distanciada da questão emocional não proporciona uma formação integral e por isso não prepara para a cidadania. Só somos cidadãos atuantes quando temos autoestima suficiente para termos força de voz para termos vez. Além disso, a materialidade daqueles encontros, por meio dos livros artesanais feitos por elas/es e cujo conteúdo eram as suas palavras, sentimentos e sonhos, propiciou a todas/os um estímulo e uma segurança a mais para continuarem o curso e o trabalho para a construção da cooperativa.

Com essa metodologia, estimulando o desenvolvimento do diálogo igualitário, criação de sentido, inteligência cultural, dimensão instrumental, solidariedade, transformação, igualdade de diferenças e da fruição artística, pudemos

perceber a ampliação da colaboração e da capacidade de ler a si e o mundo, a solidariedade se estabelecendo entre eles, a valorização da cultura local, a apropriação da arte audiovisual e artesanal como um direito, a compreensão sobre a publicação de livros autorais/artesanais como um instrumento de emancipação e, ainda, o protagonismo social para a formação de grupos de trabalho. Enfim, elas/es estavam um pouco mais preparadas/os para se desafiarem juntos, rumo à mais abundância.

Jane Christina Pereira
Instituto Federal de Brasília (IFB)
Campus Recanto das Emas

1º ENCONTRO

Memória da apresentação do Mapa da Vida

Eu queria que meu presente tivesse água. Eu sinto esperança por um mundo melhor, quero ir mais rápido para entrar logo no exército. Eu penso em arrumar um lugar para eu trabalhar. Eu já fui assentada. O que precisamos é a água para produzir. O prefeito deveria dar oportunidade para gente trabalhar e apresentar nosso trabalho. Eu sonho ter uma casa própria, ter energia e água no assentamento. O meu maior sonho, sonho é ter meus filhos perto de mim. Eu quero terminar a faculdade com pós-graduação e ser feliz e fazer feliz quem está do meu lado. Para nós o melhor para o assentamento é energia e água. O prefeito não se toca para responder a gente do assentamento. Eu desejo que eu consiga dar uma casa para minha vó e algo mais estruturado. Eu moro no assentamento e desejo água e luz. Eu também quero boa casa, água e energia. Meu sonho é nós montar uma cooperativa para nós viver. Meu sonho é saúde, paz e faculdade para meus filhos. O sonho Deus já realizou, ele é advogado o meu filho. Meu sonho é ter minha casa e ter esse velho do meu lado até o fim. O meu maior sonho é que tenha infraestrutura venha para nós, porque nossas atividades estão paradas. O que eu mais desejo é ver meus filhos. Faz 9 anos que não os vejo. O meu maior sonho é ter um assentamento com qualidade e nós termos um lugar para trabalhar unidos, para arrecadar financeiramente e ter todos os meus filhos perto. Meu sonho é dar vida melhor para os filhos e terminar os estudos.

Eu gostaria que nosso assentamento tivesse paz e que Deus abençoasse água, luz e estrada, emprego. Gostaria que o Incra viesse restaurar nosso assentamento, está defasado, para andarmos com as próprias pernas. Eu quero uma esposa para completar lá em casa. Meu maior sonho é ter água, luz e condições para viver lá. Agradeço a Deus. Ele está presente, está ajudando e ensinando como trabalhar na terra mãe. Desejo que a cooperativa seja produtora, ensinando. Também desejo uma igreja para a gente agradecer. Sonho com lote aprovado para mim. Eu tinha muita coisa para comer, não tenho mais, por causa daquele gado excomungado e do dono também. O marido eu deixo para depois.



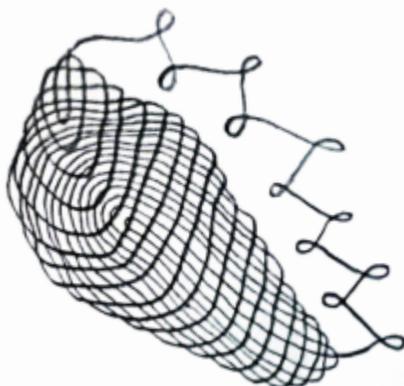
2º ENCONTRO

Memória do diálogo sobre videoclipes da música "Tocando em Frente", de Almir Sater.

O que eu gosto aí é das paisagens, dos verdes, o gado bem alimentado. Essa música fala do meu passado quando meu pai era vivo, eu morava no campo com ele. Eu gostei porque entendi que se você não tem paz você não é feliz. Dos 11 aos 48 minha vida foi peão de boiadeiro igual eu vi aí. Essa música mexe com o passado da gente. É que vem acontecendo comigo: manejando os bois dos outros com meu cavalo. A chuvinha ali. Esse cantor eu tenho conhecimento sobre ele. É a vida da gente mesmo isso aí. Eu sou garimpeiro. Eles me perguntaram se tinha conhecimento de um lugar. Eu disse que sim e peguei um pangaré e levei eles. Mas eu disse: "Aí na frente tem uma cachoeira" e ninguém me ouviu. Aí começou a cair gado lá embaixo na cachoeira. Aí eu fiquei por ali. Eu fiquei. Eu sou assim: eu na minha casa com minha família, eu estou em paz com meu esposo eu estou bem. Se eu não estou bem eu fico séria. Eu sempre falo para meus filhos, eu pegava cavalo, apartava as vacas. Eu moro na cidade, mas toda semana vou para o assentamento com minha mãe. Eu digo a eles: daqui é que sai tudo para vocês. Se a terra é difícil? É. Mas é através da horta que formei filhos. É preciso amar para poder viver. Sem o amor eu não estaria neste assentamento. Sem amor a gente não consegue morar neste lugar. Em relação à música todo mundo canta.

Mas primeiro é Deus, nós precisamos ter respeito na nossa região. A gente precisa de chuva. Me sinto feliz quando chove. Durmo bastante. Gostei de quando estava o moço estava tocando as vacas, as araras azuis, os cavalos, o homem e a mulher tocando violão. Cada ser carrega o dom de ser capaz. Eu sempre penso que eu não consigo realizar as coisas, por isso essa música serve de lição para mim. Me sinto feliz ouvindo essa música. Eu gostei do trecho “eu preciso viver”. Isso é para tudo. Cada um é capaz. A música traz recordações. A gente é capaz de fazer é só ter fé. Levo esse sorriso, porque já chorei demais. Quando minha tataravó morreu eu chorei, me lembrei de vários outros que morreram. Mas eu levo o sorriso que eles me ensinaram. Essa música me traz muita recordação. Eu fui criada na fazenda, trabalhei com gado. A gente vê que tudo que vem é um dom. Um tem o dom da espiritualidade que o outro não tem. O dom da música por exemplo. Isso nos traz mais segurança e disponibilidade, porque há muitos detalhes: as plantações alguns cuidam bem, é um dom. Os animais alguém cuidou. Cada parte é a formação de um tipo de natureza. Tem animal que você não doma. Assim somos nós. A natureza é construída por Deus. Por que estamos aqui hoje? Cada um deixou sua casa. Estamos aprendendo algo que veio desse homem e dessa mulher e que amanhã é o que nossos netos vão viver numa rodinha dessa. Igual a gente. Essa música me trouxe uma emoção e segurança para o dia-a-dia. Cada um compõe a sua história e quando sonha e acredita é capaz de mudar. A gente que veio da roça, sem recurso também é capaz de mudar.

Vocês querem uma cooperativa e estão aqui, acreditando que podem mudar a sua história. Nessa música a parte que me toca é: “um dia a gente chega no outro vai embora”. Estudei as poesias de Cecília Meireles que falam da morte. A morte sempre foi para mim mais chamativa do que a vida. Eu tive depressão e consegui superar através da arte, pois a arte me ajudou a identificar minha personalidade, minha característica, vi como eu era verdadeiramente. Também me compreendi quando me identifiquei com os personagens de Clarisse Lispector. Entendi que tenho o mérito de acatar as coisas boas da minha ancestralidade e rejeitar as ruins. Aprendi que a arte é uma nutrição para a vida, é expressão, é segurança. Me identifico com a frase de Clarice Lispector “a palavra é meu domínio sobre o mundo”. Quanto melhor nos expressamos, elaboramos, argumentamos, mais nos colocamos em liberdade. A expressão é vida, quanto mais falamos, mais aprendo como falar. Precisamos usar as dores como lições para seguir em frente.



POEMA COLETIVO

Tum
começou
a união para aprender
o melhor da vida
paz e esperança
poder
realizar meus sonhos
vida love
coragem e alegria
muita compreensão de todos
estou feliz aqui
mesmo com fome
sou feliz e sou baiano, estou morando em Goiás
estou feliz e moro no meu assentamento
paz e harmonia é a verdadeira família
com saúde, participação e persistência
Pena que eu não conheci minha mãe



3º ENCONTRO

Memória do diálogo sobre o filme: Tapete Vermelho

Esse filme faz parte da minha vida. Lutei 13 anos no MST, vim para Goiânia e uma mulher me informou sobre essa fazenda. Eu vou fazer outra tentativa, pensei. Ela disse: “é bom você ir sozinho”. A comunidade me aceitou. Estou feliz. Acho que na minha área está quase tudo cercado. Eu preciso falar com Incra para resolver as cercas. Já mataram uma pessoa por causa disso. No filme eu pensei que a cobra ia matar a mulher. Eu pensei que ela não ia pegar a cobra. Eu gostei de quando eles estavam no cinema e o filho deles ficou de boca aberta. Eu achei interessante: o pai mostrou o cinema para o menino, ele prometeu e cumpriu. Eu prometi que ia levar meu filho para o cinema. Sempre pensamos: “será que o Incra vai deixar ficar na terra?”. Ele não desistiu. Assim vai ser nós, para não desistir. Esse filme é igual a nós. O Incra foi comprar a fazenda e não comprou. Nós acampamos na fazenda. Mas foi muito difícil, botei a carga no jegue e me mandei. Acampamos perto do cemitério. De manhã fomos para casa? Não! Fomos para outro sem-terra. Lá ficamos sem terra. Mas também não deu certo. Botamos tudo no jegue de novo e viemos para cá. Nós ainda não temos título de terra. Nós não estamos sendo ajudados pelo Incra. Eu acho que a mulher devia ter ido cumprir a promessa. Não podemos desistir de nossos sonhos. O filme é maravilhoso. Eu queria que tivéssemos dinheiro para arrumar tudo no assentamento. Me deu saudade do pai e mãe que viveram na roça comigo.

Eu acho que ele aprendeu com as pessoas do assentamento a lutar e a pôr a boca no mundo para conseguir o que quer. Ele fez o mesmo e conseguiu o que queria, fez com que as pessoas o ouvissem. Eu gostei na hora que a mulher, mesmo sem saber, ficou triste, porque teve pressentimento que o burro ia ser roubado. Ela sentiu. Isso é muito da mulher. Intuição. Meu marido vai fazer algo e eu digo: Isso não vai dar certo. Depois olho para ele e digo: “eu não falei?!”. Era um sonho impossível, mas com persistência e fé tornou-se realidade. Quando a gente tem terra grande a gente quer vender e ir para um lugar apertado. E aquela terra grande da gente fica lá. Ele queria realizar um sonho, mas a mulher achava que não ia conseguir, mas ele tentou e conseguiu. Eu gostei bastante disso. Eu tenho muitos sonhos. Eu gosto dos conselhos da minha vó. Eu falo: “eu vou conseguir o que eu quero”. Eu achei importante foi o cara pescando. Eu e meu irmão íamos pescar e botava o peixe no bornal igual no filme. Isso mexe com o passado da gente. Ele se amarrou no pilar do cinema para ser ouvido. Nem tudo vem de graça como a gente quer. Ele tinha sonho e por causa de tanta luta ele conseguiu. Esse filme somos nós, a realidade dos nossos assentados. O sonho de organizar sua terra, ter tranquilidade, se unir para conseguir o que se quer. Do começo ao fim: a gente quando começa a buscar um objetivo vê muitos obstáculos. A constância do significado é a persistência. Teve cobra mamando nos peitos da mulher, morte, teve tudo, mas ele não desistiu.

Continuou e realizou, se acorrentou, apresentou, fez com que a multidão o ouvisse. Até que ele disse: “eu quero o tapete vermelho para passar com minha família para entrar no cinema”. Ele persistiu para cumprir tudo o que ele queria. Isso significa para nós que esse começo não é o fim. Nós estamos começando a pôr o pé na estrada agora. Virão dificuldades, mas nós vamos receber certificados. A cooperativa será montada para que a gente possa gozar de toda essa conquista. A gente escreve, sim, a nossa história.



4º ENCONTRO

Memória do diálogo sobre vídeoclipes das músicas "Terra", de Caetano Veloso, "Cio da Terra", de Milton Nascimento, "Xote ecológico", de Luiz Gonzaga e "Reis do agronegócio", de Chico César.

É um carinho que fala da gente. O espaço manda força e coragem. O espaço emana força e coragem. Se não temos carinho ficamos sem espaço para estar. Comparou nós com terra. Na Bíblia fala que somos feitos de barro. Aí eu entendi: o nosso corpo é comparado à terra. Quando o homem fica destruindo o meio ambiente, não devia, porque está destruindo coisas muito importantes. Sem terra não existe nada. É o símbolo de todo ser. A gente destrói as nascentes, deixa aberta, deixa o gado pisotear, deixa secar a água. E a água é o mais importante de nossa vida. Sou de Colinas e o que me tocou foi a música do Luiz Gonzaga, porque me lembrei de quando eu morei em Brasília e me sentia sufocada. Aqui posso respirar ar puro. Aqui posso criar meu filho próximo da natureza. Eu morei aqui e fui morar em Goiânia e me senti muito mal também. Hoje vivo no meu sítio e me sinto super bem, com meus vizinhos super saudáveis. A gente se preocupa quando fala na música: "eu não posso mais respirar, não posso mais nadar". A terra está contaminada. A terra e o ar estão poluídos. Onde se joga veneno o ar está contaminado e a terra também. Hoje se a gente quer plantar temos que comprar adubo porque a terra não produz como produzia antes. A terra está cansada.

Vamos procurar um meio para resgatar o nosso ar, a nossa terra. O meu caso é parecido. Morei em Minas Sul e dei minha casa, por conta do meu filho no hospital, por causa do minério de lá ele ficou muito doente. Ele tinha 1 ano. Aí o médico me disse: “Você vai escolher ou a vida do seu filho ou ficar aqui?”. Eu vim embora. Hoje ele já é pai. Lá nas nossas parcelas estão acontecendo probleminhas. As pessoas sabem que não podem usar veneno, mas usam. A minha preocupação é: tem duas nascentes e o veneno que se joga na terra vai para lá. É só Deus mesmo para mudar a vida das pessoas. Isso faz parte da nossa vida. Pela nossa desobediência está acontecendo. Não vejo lucro nisso de veneno. Capinar é evitar problema, é melhor. Aqui na aula a gente faz experiência da nossa vida na terra lá. Foi bom quem fundou esse curso aqui. Aqui na região eu estranhei. Lá onde eu morava não dava o fogo que dá aqui. É feito pela própria mão do povo e acaba com árvore e passarinho. “Não posso mais nadar porque não tem água em lugar nenhum”. A terra está pedindo socorro. Estão acabando com ela. O que irá acontecer com ela? Vamos ver? Se ainda estivermos vivos. Eu perdi o sentimento de respirar. Eu lembro do dia que meu irmão morreu. Foi o último suspiro dele. Dá saudade. Achei a música do Luiz Gonzaga muito boa, porque se a gente não correr atrás, preparar e cobrir tudo isso, se a gente deixar, vai ficar pior ainda. Ouvi um poeta dizendo. “Até um rei se não tem ninguém para sustentá-lo, nem mesmo ele vai viver”. Se não conscientizarmos os mais novos sobre esses problemas, só vai acabando sempre.

Mas a terra é uma mãe e nós somos as plantas. A terra nos cria e a terra nos carrega.



5° ENCONTRO

Memória do diálogo sobre fotos de Sebastião Salgado e documentário sobre agrofloresta: “Neste chão tudo dá”, com participação de Ernst Göstch.

O que mais me tocou foi a foto da entrada dos sem-terra na fazenda, querendo receber a terra, aflitos, armados com enxada, foice, para o seu sustendo. Me tocou quando ele estava dentro daquela mata com terra preta. Meu sonho é ver isso, mas eu não vou conseguir ver nada. O Ernst fala que as plantas de baixo podem ficar, podem conviver com árvores grandes. Eu tenho terra com cascalho e já vi que dá para produzir. Lá no meu terreno eu quero formar agrofloresta, vai ficar bem bonito. O que mais me tocou foram os caixões com os mortos pelo massacre dos sem-terra. É triste. Meu filho, eu dei um pedacinho de terra para ele. Lá era só pasto, mas agora é cheio de verde. Ele joga toda a semente ali e vai nascendo as frutas. Ele não corta nada. Ele diz que lá é seco porque derrubaram tudo. E nasceu, é mangaba, é caju. Ele só mexe com fruto do Cerrado. Ele tira a polpa e joga a semente lá. Me tocou muito, eu vou contar tudo para ele. Vou dizer a ele: vi um homem que é igualzinho a você. Eu me lembro quando passei fome. Eu tinha 3 filhos. A fome doía tanto que meu marido fugiu. Fiquei uma semana com um copo de farinha e feijão cozido para mim e meus filhos. Eu ia para rio e com minha saia eu pegava piabinha e dava para eles. Uma noite eu estava caída de fome, levantei e vi um saco de farinha. Era meu cunhado que tinha trazido.

. E eu fui com aquela gana e joguei a farinha naquele feijão e comi. Ele tinha levado leite e café também. Meus filhos só tinham barriga. Ele perguntou: “o que é que você está fazendo aqui?”. Então, peguei meus 3 filhos e vim embora para casa da minha mãe. Aí que eu fui viver mesmo, minha vida começou. Passar fome não é coisa boa. Foi top. Eu achei muito bonito porque não tem agrotóxico essas plantações. O mais maravilhoso é ver nossas plantas sem química. Uma coisa que o povo usa aqui é roundup e ele criticou isso. Graças a Deus meu marido fez direitinho, sem roundup. Só o cupim é nosso problema. Na minha parcela eu já agrofloresta, com frutos do cerrado. A gente lutou muito contra o cupim e conseguiu. A gente joga gergelim e eles carregam para o ninho e morrem. Para as formigas a gente põe quirera de milho, aí elas carregam e cria mofo lá dentro e isso mata a rainha. Arroz cozido também é bom. O gergelim mais o arroz cozido vai amenizando. A gente vai levando, sem pôr veneno! Eu gostei muito das plantas. Eu até chorei aqui. Quem vive na roça sabe o que é sofrer na roça. Eu me lembrei, vendo o senhor com criança nas costas, eu era a mais velha, meu pai tomava conta da fazenda. Eu tomava conta da roça com os peões. Quando deu uma colheita meu pai falou: “vai limpar arroz no pilão lá longe”. Tinha que atravessar o rio três vezes. Para voltar o rio estava cheio, não pude passar. Estava com duas crianças. Para a gente não morrer de frio, eu me enterrei com as duas crianças na areia. Eu chorei vendo ela falando, eu sofri na roça também. As pessoas pediam um pouquinho de arroz para nós.

Um vizinho pediu. Eu fui a cavalo levar porque meu pai falou: “vai levar, fome dói”. A gente aprende. Eu tenho gravação do Haiti, onde foram levar pão para as pessoas. Sabe qual o alimento no Haiti: é terra com sal. As vezes nós temos tudo e não valorizamos o que temos. Vamos juntar e agradecer o Pai por tudo que nós temos. Agradecermos a Deus. Eu ouvi muita história triste e serviu para eu não reclamar tanto da vida. Isso é muito bonito. A gente, é vivendo e aprendendo. Eu vi que deixar a árvore apodrecer na terra é que protege a terra. Isso é que aduba a terra, conserva a terra e a planta. É como o cacau. Eu trabalhei no sul da Bahia. O cacau é apropriado para sombra mesmo. Ele não dá fruto na seca. Se for seca dá bruxa na planta. Lá é fazendão, mais de seis meses na colheita. Muito produtivo. Gostei muito daquele plantio do filme. Eu tirei a foto das minhas plantas aqui e acho que vão produzir bem. Só falta água, que nossa seca é brava. Gostei de ver aquele homem que comprou a terra de cascalho e mesmo assim ele tentou fazer vários plantios. Mesmo a terra sendo cheia de cascalho ele plantou muitas árvores e deu certo e deu certo. Aqui nós somos tudo calango, não bebemos muita água, né?! Eu já tinha visto sobre esse homem. Estou tentando plantar debaixo das árvores e está dando certo.



Narrativa Fotográfica dos Encontros



A constância do significado
é a persistência.

Zulmerina Rosa dos Santos da Silva
(Dona Zu)

































O Lugar de Fala das/os Agricultoras/es:

Adelídio Ferreira de Almeida
Coraci Xavier de Matos
Cristina Sérgio de Oliveira Martins
Delzuite dos Santos
Edilson da Silva Cizilio
Eliana Pereira Salgado
Eliany C Borges
Elis de Jesus Pereira
Felipe Junior Pereira da Silva
Jakeline Alves Abreu Araújo
João Pedro Alves Moreira Rodrigues
Júlio Cesar do Carmo Barbosa
Marcos Vinícius Fernandes da Silva
Maria da Conceição R Mariano
Maria Dominga Batista
Maria José P Magalhães
Maria Raimunda Rufina de Oliveira
Maria Rita da Silva
Maria Salete Matos dos Reis
Maria Xavier da Silva
Marilene Gonçalves dos Santos
Marilene Rodrigues da Silva
Maurozam F Maia
Natnias Santana de Oliveira
Nayla Soares Gonçalves
Neuraci C de Oliveira
Rute S dos Santos
Valdivino Soares da Conceição
Vanuza Pereira da Silva
Wenseslau Almeida da Costa
Zulmerina Rosa dos Santos da Silva

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-64593-75-6



9 788564 593756

